

ESTADO X GLOBALIZAÇÃO

Prof. Sérgio Augusto Pereira de Borja

Que megacenário é este ?! Quando o estado à nível federal e estadual leiloeira suas companhias: Cia Siderúrgica Nacional, Vale do Rio Doce, Aços Finos Piratini, CRT - Cia Riograndense de Comunicações, etc... Quando os governos emprestam todo o dinheiro necessário para a instalação de indústrias, pagam toda a infra-estrutura para a construção das fábricas e financiam por 15 anos seu capital de giro, pagando pela geração direta de cada posto de trabalho a bagatela de US\$385 mil (GM/RS - Elio Caspari). Quando o Banco Central, no ano de 1996, assumiu um rombo de 13,7 bilhões, com relação ao Banespa, Nacional, Econômico e Banerj, equivalente a dois meses de arrecadação da União ou aos gastos anuais com saúde e saneamento para aquele ano. Quando a dívida total dos Estados chega a quantia de R\$77 bi e a dívida da União atinge 21% do PIB sendo necessária a quantia de US\$12 bilhões anuais para pagamento de seus juros sem computar o principal, destacando-se que o estrangulamento das contas públicas é tão grave que o estado de Alagoas sinaliza com uma moratória. Quando os escândalos descobertos têm a função de monitorar o escalonamento e a tutela deste cenário associativo com estes mesmos mega-interesses econômicos (precatórios, licitações-sivan, compra de votos, etc) Quando, em contrapartida ao notório definhamento do estado, constata-se a pujança das multinacionais a exemplo do Hong Kong e Shanghai Bank Corporation - HSBC que em dezembro de 1995 teve ganhos de 5,7 bilhões de dólares distribuindo dividendos de 1,3 bilhões de dólares entre seus acionistas que situam-se 35,2% na Grã-Bretanha, 6,1% na Europa, 31,1% em Hong Kong, 14,2% nos EUA e 13,4% no Sudoeste Asiático. Quando este mesmo banco, vendendo saúde, possui 5000 agências bancárias em 78 países possuindo 100.000 empregados. Quando a sua holding detém o capital de US\$30 bilhões, possuindo ativos de US\$402 bilhões e depósitos de US\$252 bilhões equivalentes a mais ou menos um terço do PIB brasileiro e, finalmente, quando este mesmo banco, depois de comprar o Bamerindus no Brasil, adquire o Roberts na Argentina, depois de já ter adquirido participações no Serfin do México, no del Sur do Perú, no de Santiago do Chile e ainda possuir escritórios de representação na Colômbia, Panamá e Venezuela, além de estar associado majoritariamente ao Midland Bank, da Grã-Bretanha, com um acervo de 5 milhões de clientes, ao Saudi British Bank e ao Wells Fargo HSBC Trade Bank, "joint venture" entre a holdig do HSBC e o Wells Fargo Bank. Que megacenário é este ?!!

Kenichi Ohmae em O Fim do Estado Nação inicia sua obra com um capítulo explosivo e de alta contundência para os conceitos nacionalistas pois considera que o esboço das fronteiras e o exercício da soberania, sob os efeitos da globalização, não passam de uma mera ilusão cartográfica. Sua lógica afiada acutila as velhas perspectivas e enquadramentos econômicos com suas consequências políticas. Invalidados os postulados domésticos colocados pela perspectiva de Adam Smith e David Ricardo, com relação a infra-estrutura, na razão direta, implode a superestrutura política do estado nação, segundo êle, artefato jurídico que surgiu nos séculos XVIII e XIX e que hoje, começou a ruir. A lógica imperante é que a globalização fez do estado "uma unidade antinatural, até disfuncional, em termos da qual pensar ou organizar a atividade econômica" pois "já não somos mais". "Numa economia sem fronteiras, o aumento da demanda num país pode impulsionar a oferta - e com ela o nível de emprego - em outro." (opus citae -fls.36)

Mas a leitura do fenômeno atual não pode prescindir da perspectiva estabelecida por Hilferding, em o Capital Financeiro, escrito em 1909. Ele retoma o desenvolvimento do capitalismo no estágio em que a concorrência se transforma em monopolismo, pela mediação do capital financeiro. (Capital ou Estado - Galvão - fls. 180) Hilferding descreveu o processo cognominando-o de Socialização Antagônica. Para ele não há limites absoluto para a cartelização (monopólios) sendo que "as indústrias independentes são submetidas, cada vez mais, à dependência das cartelizadas, para no final serem absorvidas por elas..." (opus citae - fls. 184).

No entanto é John Kenneth Galbraith, em o Novo Estado Industrial, que vai nos fornecer os elementos totais para entender o fenômeno econômico global. Retomando os mesmos conceitos e apurando a massa crítica de Hilferding, Galbraith parte dos axiomas de superação do regime de mercado e do advento do sistema de planejamento que teriam modificado o organograma do poder nas empresas e no estado, sendo que estas mudanças são provocadas da mesma forma pelo incremento tecnológico e o aumento da escala dos processos produtivos e mercadológicos que levariam a uma convergência dos conceitos de economia de mercado e economia planificada, antes separadas nas acepções socialistas do leste e capitalistas do oeste. O fenômeno de surgimento das empresas descrito pela metáfora marshalliana em que o mundo das empresas seria tal qual um floresta em que as árvores, nascem, crescem e fenecem dando lugar as novas é substituído pela nova imagem galbraithiana que algumas árvores na floresta, a maneira das longevas sequóias, liderariam em altura e extensão de copas as demais, abafando-as. Assim explicar-se-ia o fenômeno da monopolização e emergência de grandes unidades transnacionais, dotadas de grande estabilidade, e com liderança nos mercados nacionais e internacionais. O conceito de "companhia amadurecida" demonstraria gabalmente a hipótese real, pois Galbraith comprova o seu associativismo com o estado e a confusão entre o que era delimitado como área pública e privada. A empresa ou "companhia amadurecida" para ele, s.m.j., não é mais privada, pois confunde a sua origem com sua atuação pública e vice-versa. O texto do autor é seu fiador: "...a empresa individual não dependia profundamente do governo. A companhia amadurecida, em contraste, depende do Estado para a mão-de-obra treinada, regulamentação da demanda agregada...o estado...financia-lhe os maiores comprometimentos de capital em suas áreas de tecnologia avançada. Fornece estradas, linhas aéreas ...quando uma grande empresa vive dificuldades financeiras, o Governo vem salvá-la, usando um ou outro pretexto...Sua influência sobre o Estado é, na realidade, incomparavelmente maior que a da empresa individual..." Galbraith desmascara ainda o que convencionamos chamar corrupção, pois no seu mundo, não há mais corrupção, que existe só para os homens simples, justificando assim o exercício do poder associado instalado na sua própria matriz, que imola em rito de purificação o pequeno pecado que "é lavado numa explosão orgiaca de indignação." (fls.306-307 - opus citae) A relação entre a tecnoestrutura da companhia amadurecida e o Estado é a mesma, confundindo-se, sendo o resto teatro para implementar o consenso e legitimidade conciliando o aparato constitucional-formal do estado através do jogo de mídia "pelo amplo processo democrático" que conforma o mito da "opinião pública". Jürgen Habermas em Mudança Estrutural da Esfera Pública corrobora esta posição com o fenômeno que convenciou chamar de refeudalização. Eis o megacenário em que convivem desatualizados socialistas e iludidos liberais sem saber ainda que, literalmente, Marx e Adam Smith morreram.

- Professor de Direito Constitucional e Ciência Política da Faculdade de Direito da PUC/RS;
- Professor de Instituições de Direito Privado e Comercial da Faculdade de Direito da UFRGS;
- tel/fax: (051) 2 23 26 10

Publicado no Jornal do Comércio em 29.08.1997